

## LEITURA E ENSINO: PERCEPÇÃO OBJETIVA E CONCEPÇÃO SUBJETIVA

João Hilton Sayeg-Siqueira<sup>1</sup>

### RESUMO

Objetiva-se, com este trabalho, por meio de exemplificação de prática pedagógica, refletir sobre procedimentos de leitura, norteadores da ação interativa entre leitor e texto.

### PALAVRAS CHAVE

Leitura, Procedimentos, Prática pedagógica

### ABSTRACT

*We intend, with this article, through pedagogical practice example, to think over reading procedures, guides of interplay action between reader and text.*

### KEY WORDS

*Reading, Procedures, Pedagogical practice.*

---

### INTRODUÇÃO

Leitura sempre foi um tema de grande preocupação entre estudiosos dos processos de aquisição de linguagem e de conhecimento. Vários enfoques, decorrentes de vertentes teóricas diferenciadas, vêm povoando as produções nas mais diferentes instâncias de investigação e de elaboração de material didático sobre a matéria em questão.

O trabalho com a leitura, principalmente em ambiente escolar, já foi abordado sob a óptica da ortoépia, da oratória, da decodificação, da cognição, da pragmática lingüística, do discurso. Sempre em busca de se entender como se dá a interação leitor-texto: pelo exercício de pronúncia? pelos rit-

---

<sup>1</sup> Mestre em Língua portuguesa PUC-RS, doutor em lingüística PUC-SP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da PUC-SP.

mo e entonação empregados? pela busca de significados aos vocábulos? pelas formas de entendimento das seqüências textuais? pelas estratégias de inserção do leitor no texto? pelos efeitos de sentido que são construídos?

Na verdade, não são focos que se excluem, pois trabalham dimensões diferentes no estabelecimento do percurso de leitura que pode ser sintetizado, na tentativa de uma resposta globalizante para as questões levantadas em dois movimentos, um ascendente e outro descendente. O ascendente é aquele que parte do texto para o leitor e o descendente, o inverso.

O leitor vai explorando a linearidade seqüencial do código verbal escrito que articula o texto e, assim, vai identificando letras, sílabas, radicais, desinências, palavras, frases, períodos. A leitura não está sendo considerada como uma atividade silabada, destacam-se, simplesmente, os elementos que compõem e organizam a atualização lingüística, observando-se que, na construção de um itinerário de leitura. Assim se caracteriza o movimento ascendente de leitura: do texto para o leitor. Tem-se, aqui, um processo de interpretação, a exploração da potencialidade lingüística do texto em busca de processos de significação. Constitui-se num estágio em que se recorre à ortoépia, à oratória, à decodificação.

Esse primeiro transcurso da leitura vai acionando a memória semântica do leitor, em busca dos conhecimentos prévios que ele tem sobre o assunto abordado e que estão aí armazenados. A seleção desses dados possibilita a ele organizar uma memória temporária de trabalho por meio da qual vai operando com as relações estabelecidas entre a informação que o texto traz e os conhecimentos estocados. Essa interação entre o já sabido e o novo provoca alterações em ambos que sofrem um processo constante e contínuo de alterações, de forma que, ao final da leitura, leitor e texto, estão transformados. Assim se constitui o primeiro passo do movimento descendente: do leitor para o texto. Consiste numa operação cognitiva.

Assim, o leitor vai estabelecendo pontos de sua inserção no texto que, indiferentemente, pode ser no início, no meio ou no fim. São estágios do percurso de exploração do texto em

que a identificação mais segura são encontradas pelo leitor para ele ir ancorando sua leitura. Tem-se aqui o estabelecimento de estratégias que caracterizam a interação pragmática que também está inserida no movimento descendente.

Por meio da situação cognitiva e pragmática do leitor no texto, efeitos de sentido começam a ser construídos. O texto é (etimologicamente) o tecido (aqui) lingüístico do discurso. O discurso produz e lê o texto. Construir efeitos de sentido significa elaborar o discurso que, naquele momento e naquele lugar, lê o texto. O estabelecimento desse discurso decorre das operações cognitivas e das estratégias pragmáticas utilizadas. Portanto, está-se, ainda, esperando num movimento descendente que, neste ponto, propicia a elaboração de uma base semântica para o texto, sob a forma de um conceito que, para o leitor específico, sintetiza o texto e passa a valer por ele. Esse é o estágio mais profundo de interação com o texto, que é o da compreensão: *comprehendere* – *prehendere* = assenhorar-se, tomar posse – é o estágio em que o leitor se assenhora do texto.

Neste trabalho, tem-se por objetivo tecer reflexões sobre procedimentos de leitura com o intuito de analisar práticas pedagógicas experienciadas.

### **1 – Leitura: procedimentos**

Ler é uma palavra que se origina do verbo latino “legere” que, antes de assumir essa acepção, tão largamente difundida hoje, tinha como significados: escolher, eleger, colher, reunir, seguir, percorrer; que não deixam de refletir o itinerário que se faz no momento em que se interage com o texto para o estabelecimento de estratégias que tecem um percurso de leitura (CARDOSO-SILVA, 2006).

Imagina-se um pomar, com fileiras de árvores frutíferas e entre elas trilhas para se realizar serviços de manutenção das árvores e colheita dos frutos. Quando se examina a primeira fileira existente, unicamente à direita, olham-se os frutos e selecionam-se os que já estão bons para ser colhidos, na dependência do critério do colheiteiro. Ao se percorrer a segunda trilha, têm-se fileiras à esquerda, já examinada, e à di-

reita a ser vistoriada. As condições dos novos frutos que são observados vão apurando os critérios levantados anteriormente e dando idéias diferentes do ponto exato da colheita. Reexaminam-se os frutos não colhidos da primeira fileira que podem agora ser selecionados, a partir do confronto.

E continuam-se a percorrer as trilhas frutíferas do pomar. Como o percurso é moroso, porque cuidadoso, ao se chegar ao meio ou ao fim, muitas frutas deixadas sem colher já se encontram próprias para a seleção. É por isso que, em relação ao texto, a leitura se constrói a partir de uma dinâmica de ir e vir, pois o que está escrito no meio do texto pode solucionar dúvidas ou preencher lacunas que foram deixadas no início, isso em decorrência do leitor ter pouco ou nenhum conhecimento do assunto que está sendo abordado. A primeira linha serve de contexto para a leitura da segunda e assim por diante, até a última linha que pode pedir que se retome o que estava no início.

Nesse ir e vir, parte-se da linearidade seqüencial de manifestação do código verbal e, aos poucos, vão sendo estabelecidas relações alineares que imbricam partes constitutivas do texto com diferentes dimensões e em diferentes momentos. É um processo de deslinearização em busca dos sentidos mais profundos e mais complexos.

Assim, a leitura decorre de uma exploração dos índices de organização superficial e linear do texto, construindo sentidos literais; ou perscruta o interior de cada palavra, de cada expressão, indo em busca do não-dito, mas inferível, estabelecendo sentidos inferenciais. Pela identificação apenas das marcas textuais do que está dito, faz-se uma leitura perceptiva do texto e, pela exploração das possibilidades do que está no interdito, uma leitura conceptiva.

Entende-se aqui percepção como uma tomada de conhecimento sensorial de objetos e fatos e concepção como produção ou criação intelectual, para a qual concorre uma série de fatores, dentre eles uma determinação história, ideologicamente estabelecida e uma dimensão imaginária, miticamente constituída. O que pode ser verificado no excerto do texto que segue e nas possibilidades de leitura por ele suscitadas.

### Capítulo 3

*1 E havia entre os fariseus um homem, chamado Nicodemos, príncipe dos judeus. 2 Este foi ter de noite com Jesus, e disse-lhe: Rabi, bem sabemos que és Mestre, vindo de Deus; porque ninguém pode fazer esses sinais que tu fazes, se Deus não for com ele. 3 Jesus respondeu, e disse-lhe: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. 4 Disse-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer? 5 Jesus respondeu: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus...*

*Evangelho segundo João*

Nicodemos observa a Jesus suas características de Mestre e alude que ele, por isso, veio de Deus. Jesus responde-lhe que "...aquele que não nascer de novo não pode ver o reino de Deus.". "Nascer de novo" é tomado por Nicodemos ao "pé da letra", ou seja, o sentido que ele constrói é literal, por isso indaga sobre a possibilidade de se nascer de novo, como sendo um retorno ao ventre materno para ser outra vez parido. (Não será considerada, aqui, a probabilidade de Nicodemos, como fariseu, estar provocando Jesus por meio de ironia, pois não é esse o intento). Pondera-se que Nicodemos não conseguiu alcançar sentidos inferenciais, inclusive o de investir a expressão "nascer de novo" com valor figurado. Diferentemente, Jesus trabalha com uma dimensão inferencial que para ele condiz com a verdade: "...nascer da água e do Espírito,...". Mesmo assim, não se pode ficar com o sentido literal da expressão, é preciso construir sentidos inferenciais.

Nicodemos, quando se limita ao sentido literal, revela que sua interação com o texto se deu por meio de uma percepção objetiva:

Nascer de novo = voltar ao ventre materno e ser outra vez parido

Jesus, no entanto, o alerta que a interação com o texto só se dará por meio de concepções subjetivas, que permite ir para além do significado vocabular, é trabalhar com as

potencialidades significativas que o texto oferece nas mais variadas instâncias: da palavra, da frase, do período. Para tanto, complementa a afirmação com: "...nascido da água e do Espírito...". O que demonstra que o processo de significação textual vai para além dos significados que as palavras têm.

Considerando-se que a leitura não se limita só a uma percepção objetiva de decodificar signos, mas que ganha amplitude ao ser investida de concepções subjetivas, foi realizada uma pesquisa com católicos, evangélicos e kardecistas, utilizando-se o texto em questão. A pergunta foi: O que Jesus quer dizer com nascer de novo da água e do Espírito?

Católicos responderam: Todos nascemos com o Pecado Original, oriundo de Adão e Eva, que causou o rompimento da aliança entre Deus e os homens. Para que a aliança seja refeita, é preciso ir à pia batismal e ser batizado pela água e pela luz do Espírito Santo, representada na cerimônia pela vela acesa, para se redimir do Pecado Original.

Evangélicos, pentecostais, que são os que se proliferam hoje no Brasil, responderam: É preciso, em primeiro lugar, entregar o coração a Jesus (expressão peculiar do discurso evangélico), converter-se para minha Comunidade Evangélica (não dizem mais igreja) e nela ser batizado.

Kardecistas responderam: A elevação espiritual se dá por meio da aprendizagem que, por sua vez, se dá pelas oportunidades de aperfeiçoamento espiritual que cada indivíduo tem, concretizadas por meio da reencarnação.

Assim, "nascido de novo da água e do Espírito" é: redenção, conversão e reencarnação. Qual a leitura correta e qual a errada? Todas e nenhuma. Não existe leitura certa ou errada, mas autorizada ou não pelo texto e, no caso, todas o são. Não se aceitaria uma leitura que considerasse como conteúdo para o texto uma crônica esportiva sobre campeonato mundial de futebol.

Em suma, a leitura é realizada por meio de percepções objetivas que identificam sentidos literais e/ou por meio de concepções subjetivas que constroem sentidos inferenciais.

## 2 – Leitura: prática pedagógica

A compreensão de um texto está relacionada à dinâmica dos universos de cada leitor, entendendo-se, assim, a leitura como o momento em que se dá a expansão de universos de experiência, a partir da produção de um novo texto que se relaciona aos demais textos já conhecidos, o que normalmente não acontece no ambiente escolar. O que se tem assistido como hábito de ensino da leitura é o emprego de métodos rígidos em sala de aula pelos quais o professor exige um único parafrasear para o texto lido por diferentes alunos num mesmo tempo. Constatase a exigência de uma resposta correta para uma determinada pergunta referente ao texto proposto para leitura.

O aluno não pode estar restrito à condição de mero repetidor de respostas elaboradas pelo professor ou pelo autor do livro didático. Ele não é receptor paciente, mas leitor agente de produção de conhecimento. Claro está que há um momento inicial de identificação do texto em que a leitura se restringe a uma identificação linear e seqüencial do código verbal, ocorrendo uma atividade parafrástica. Mas o percurso não pode parar aí, tem de se estender para uma dimensão polifônica para que o leitor possa, a partir do texto lido, produzir um texto seu, relacionado com os demais textos conhecidos por ele.

A finalidade da leitura na escola é propiciar momentos de negociação de conhecimento entre escritor, professor e aluno, ampliando universos de experiência sem desconsiderar faixa etária, condições sócio-econômicas, nível de escolaridade já que se tornam condições necessárias para determinar o tipo e a profundidade de interação que vai ser estabelecida com o texto, implicadas, também, as expectativas que estabelecem as condições de sentido a serem construídas, pois o leitor pode estar querendo operar somente no âmbito literal para dar cabo de seu intento.

Assim, o parafrasear repetitivo, pelo aluno, dos dizeres do professor é uma postura muito inadequada, pois os universos de conhecimento, de experiência e de expectativa do professor é diferente dos universos do aluno. O que é infor-

mação nova e pertinente para o professor não o será, necessariamente, para cada aluno, e vice-versa. O professor deve ser o proponente e o orientador das atividades de leitura, mas não o intermediário da leitura entre o texto e o leitor.

A orientação deve ser no sentido de que a leitura precisa ser autorizada pelo texto, com base nele, a partir dele e não a pretexto dele, porque aí pode-se enveredar para os delírios que muitas vezes são presenciados. A manutenção de vínculos constantes ao texto faz com que as diferentes leituras apresentem pontos comuns, a despeito da diversidade de sentidos, principalmente inferenciais, construídos. Todo resultado de atividade de leitura apresenta pontos consensuais e aspectos subjetivos.

Com base nessas reflexões, foi desenvolvida em sala de aula no terceiro ano do ensino médio uma atividade de leitura, a partir de um texto produzido por um aluno da turma. O comando foi: O que diz o texto? O objetivo, o de perceber a porta de entrada do aluno no texto e o sentido construído.

*Separados assim  
Encontramos, enfim,  
Um olhar, um sorriso,  
Aproximar  
Enrolar  
Amarrar sem fim.*

Foram encontrados três enfoques diferentes que revelaram o ponto de entrada para a leitura e, a partir dele e com ele coerente, o sentido construído:

A) *separação:*

*Aluno 1 – Duas pessoas tiveram um relacionamento que foi interrompido por algum motivo, mas a lembrança e o afeto ficaram relacionando os dois.*

*Aluno 2 – O texto transmite uma idéia de separação física, mas não espiritual.*



*B) reencontro:*

*Aluno 3 – Rompimento entre duas pessoas e os acontecimentos até o momento do reencontro.*

*Aluno 4 – O texto passa uma idéia de satisfação no reencontro de pessoas que estavam separadas.*

*Aluno 5 – Pessoas separadas se encontram no fim. Esse fim pode ser a morte ou o fim de um relacionamento.*

*C) encontro:*

*Aluno 6 – Encontro entre duas pessoas que se envolvem e têm uma vontade infinita de ficar juntas.*

*Aluno 7 – Eles sabiam da existência um do outro, mas não se conheciam e um dia se encontram e ficam juntos para sempre.*

*Aluno 8 – Um foi feito para o outro, mas nunca se encontram. Bastou um olhar e um sorriso para nunca mais se separarem.*

*Aluno 9 – Duas pessoas se encontram e seus sentimentos despertam, se aprofundando no amor.*

*Aluno 10 – A atração de desconhecidos por simples gestos que demonstram amor.*

Foram apresentadas opiniões de apenas 10 alunos a título de exemplificação, uma vez que houve muitas repetições.

O texto começa enunciando uma separação. Muitos alunos se restringiram a esse aspecto, desconsiderando o restante. Está revelado um hábito de leitura em que se toma o título ou o início como sendo a base temática do texto que, portanto, estabelece e delimita o assunto abordado. É por isso que, muitas vezes, em exercícios de leitura em sala de aula, quando se indaga ao aluno sobre o assunto do texto, ele se restringe a repetir o título. É uma percepção meramente parafrástica.

Os demais alunos foram para além do início. Os de número 3, 4 e 5 interpretaram “encontro” como “reencontro” dos que foram separados no primeiro verso:

*Aluno 3 – ... momento do reencontro*

*Aluno 4 – ... satisfação no reencontro*

Aluno 5 – *Pessoas separadas se encontram no fim...*

Os alunos de número 6, 7, 8, 9 e 10 consideraram como “um novo encontro”

Aluno 6 – *Encontro entre duas pessoas...*

Aluno 7 – *...um dia se encontram e ficam juntos para sempre.*

Aluno 8 – *Bastou um olhar e um sorriso para nunca mais se separarem.*

Aluno 9 – *Duas pessoas se encontram...*

Aluno 10 – *A atração de desconhecidos...*

Há variabilidades, mas se pode levantar entre elas de consensual a relação existente entre pessoas por um sentimento. Assim, tem-se estabelecida para o texto a referência amor, tematizada pela relação entre duas pessoas, seja na separação, no reencontro ou num novo encontro. Consegue-se, dessa maneira, divisar uma convergência entre os diversos sentidos construídos pelos alunos.

### **Considerações finais**

O estabelecimento de sentido literal para o texto a partir de paráfrases estabelecidas pelo professor no momento do trabalho com o texto em sala de aula pode ser bastante profícuo se for considerado como uma etapa inicial para orientar o aluno a identificar a referência textual e a maneira como ela está tematizada. Mas o processo de compreensão, a posteriori, deve ficar centrado no aluno-leitor, para que ele possa, de tal forma assenhorar-se do texto e esteja apto a resumi-lo, a dar-lhe um título, a completá-lo, se incompleto.

A atividade de leitura precisa ser reconhecida como uma exploração das potencialidades do texto, pois ele, na visão de Eco (1983, p. 28) *...deixa os seus próprios conteúdos no estado virtual, esperando que o trabalho cooperativo do leitor lhes dê a sua atualização [...] e isso é, precisamente, o fato de o texto ser, de qualquer modo, reticente.*

**BIBLIOGRAFIA**

CARDOSO-SILVA, E. *Prática de leitura: sentido e intertextualidade*. São Paulo: Humanitas, 2006.

ECO, Umberto. *Leitura do texto literário*. Lisboa: Presença, 1983.

ORLANDI, E. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1988.

SAYEG-SIQUEIRA, J. "Leitura: percepção objetiva e concepção subjetiva" In *Pluralis: multitemática*. Amparo: FIA, v. 1, nº 1, p. 9-16, 2003.